

Editorial

Com grande satisfação o corpo editorial de *Em Tempo de Histórias* publica mais um número de nossa revista eletrônica. Mais uma vez, contamos com a contribuição de jovens historiadores com propostas originais de pesquisas ainda em andamento ou já concluídas, bem como resultados de dissertações ou teses.

Dessa forma, esse número 26 de nossa revista, com grande afabilidade, apresenta um dossiê temático intitulado *Variações em torno da modernidade*, organizado pela professora Doutora Tereza Cristina Kirschner, nossa professora da Universidade de Brasília. Nesse dossiê a professora Tereza Kirschner reuniu alguns artigos de seus alunos de graduação elaborados durante disciplinas ofertadas em 2012.

É importante ressaltar que eram alunos de graduação quando elaboraram os artigos, e agora, alguns dos autores, seguiram os caminhos acadêmicos, ingressando nos programas de pós-graduação. Eu tive a honra de fazer parte desse grupo e dessas disciplinas com a professora Kirchner. Portanto, pude acompanhar de perto os debates acerca dos caminhos da tal “modernidade”. E ao mesmo tempo, pude me deparar com a imensa dificuldade dos alunos de graduação conseguirem algum espaço para publicarem produções de sua autoria, ou até mesmo, para participarem de simpósios temáticos em congressos e seminários na sua área de pesquisa.

É com esse objetivo, de incentivar as futuras gerações de historiadores a se debruçarem sobre o seu próprio *métier*, que *Em Tempo de Histórias* dá vozes a esses jovens historiadores. E ao mesmo tempo, fazemos um manifesto para as grandes muralhas acadêmicas composta por doutores. Graduandos querem, merecem e devem ter mais espaços para entrarem em contato com seu ofício. Graduação em ação. Por que não pensarmos em estreitar os laços entre alunos de graduação e de pós-graduação?

Nesse sentido *Variações em torno da modernidade*, reuniu artigos de jovens historiadores que se deparam com a pesquisa histórica, a partir do contato com documentos para além das leituras secundárias, a partir dos cursos de História Moderna proferidos pela

professora Tereza Kirschner, que se tornou uma orientadora - uma das mais rígidas e admiradas - desse grupo de alunos. Não por acaso que a denominávamos como Tereza Clio.

Ao longo de dois ou três semestres, e de duas ou mais disciplinas e/ou monitorias, e após o amadurecimento dos textos, a professora Tereza cogitou a possibilidade de publicação dos artigos de seus alunos, o que os estimulou ainda mais. Atualmente, alguns desses alunos estão cursando a Pós-Graduação na Universidade de Brasília e outros se preparam para o ingresso nesse ano.

Os textos apresentados inserem-se na área de História Intelectual e tratam da diversidade de ideias desenvolvidas na Europa moderna. Todos apresentam uma reflexão baseada na historiografia recente sobre os temas tratados, suscitando novas questões e desdobramentos. A preocupação com o contexto histórico de produção dos autores examinados caracteriza uma opção metodológica no âmbito da reflexão sobre ideias.

O texto de Eduardo Ubaldo Barbosa, *O momento Burke. Notas para a história de um Iluminismo contrarrevolucionário* apresenta uma interessante síntese do pensamento de Edmund Burke (1729-1797) a partir do estudo das linguagens políticas e filosóficas de seu tempo, especificamente o Iluminismo britânico e a doutrina inglesa da “Antiga Constituição”. Assim, Eduardo Ubaldo mostra que, seja na defesa das instituições britânicas contra as inovações revolucionárias de 1789, seja no ataque aos grandes autores do Iluminismo francês, Burke buscava enfrentar os problemas de seu tempo a partir de suas referências sociais e intelectuais. Nessa linha, o autor levanta uma brilhante hipótese de que aquele que passou para a história como o “pai do conservadorismo” não pode ser tido, pura e simplesmente, como “um inimigo das luzes”, permitindo, ao fim e ao cabo, cogitar a existência de um “Iluminismo contra-revolucionário” forjado em uma tradição/concepção de história prestes a desaparecer com a Revolução.

Filósofo pragmático para quem o contexto era tudo, nada poderia parecer mais estranho a Edmund Burke (1729-1797) do que a ideia abstrata do “Novo Homem” defendido pelos revolucionários franceses ao final do século XVIII. Sempre vinculada às circunstâncias, a obra de Burke, lembra Eduardo Ubaldo, é, antes de tudo, sistematicamente assimétrica. Por uma dessas ironias da história, no entanto, poucos nomes tiveram ao longo do tempo suas ideias propagadas de maneira tão apartada das circunstâncias concretas de sua produção do que o de Edmund Burke.

No espectro político, os ditos “progressistas” jamais se propuseram a estudá-lo com respeito à sua época e a suas ideias. Aos revolucionários do século XX criticar Burke, o primeiro dos contra-revolucionários, era mais que um lugar-comum; era um dever de ofício. Os conservadores, por sua vez, fizeram de Burke o pai de uma filosofia cujo nome jamais pronunciara; o fundador de um partido que jamais conhecera. Dessa forma, *Momento Burke*, por sua originalidade de análise desse personagem polêmico, torna-se fundamental.

Pedro Henrique Soares Santos em *Adam Smith e a sociedade comercial* aponta as correlações entre os trabalhos de filosofia moral e de economia política de Adam Smith. O quadro que emerge daí é de uma defesa das virtudes advindas de uma sociedade comercial e as soluções e remédios para seus possíveis desvios e vícios.

Adam Smith foi um importante filósofo escocês do século XVIII e é o autor de uma das mais importantes obras sobre economia política: “A riqueza das Nações”. O caráter seminal desta obra foi reconhecido logo quando publicada e rendeu à Smith grande fama. Por essa razão, seus demais trabalhos de filosofia moral foram relegados a segundo plano e sua imagem de “pai do capitalismo” ou de “pai da economia moderna” foi criada. A tarefa de Pedro Soares, portanto, foi o de relacionar essas duas faces de Adam Smith.

Por sua vez, Pedro Eduardo Batista Ferreira da Silva, no artigo *James Harrington e a tradição republicana na Inglaterra do século XVII*, recupera a tradição republicana inglesa no século XVII. Inspirado na chamada Escola de Cambridge composta por autores como John Pocock e Quentin Skinner, o autor analisa a obra “*The Commonwealth of Oceana*”, publicada em 1656, escrita por James Harrington. E traz os principais elementos de *Oceana*, a qual não tem tradução para o Português. Ao entender Harrington como o primeiro humanista cívico da Inglaterra, reconhece-se a importância do autor para uma compreensão mais ampla dos eventos políticos que marcaram o século XVII inglês.

A vida de James Harrington é extremamente mal documentada. Pouco se sabe sobre o autor além daquilo que está em seus escritos. E Pedro Ferreira da Silva torna-o contemporâneo a partir de seu belo trabalho.

José Lourenço de Sant’Anna Filho no artigo *Inimigos da Luz* examina o pensamento do editor do jornal pernambucano *A Voz da Religião*, padre Tavares da Gama, identificando-o como um representante do pensamento antifilosófico no Brasil oitocentista. Nesse artigo, o autor salienta que os estudos sobre a antifilosofia ganharam espaço na historiografia atual. Destacam-se, nesse processo de renovação, os historiadores Didier Masseur e Darrin

McMahon que têm publicado trabalhos com o propósito de compreender esse movimento de ataque ao Iluminismo. Os “anti-iluministas”, contemporâneos dos *philosophes* Voltaire, Rousseau e Diderot, lembra Lourença de Sant’Anna Filho, tinham por objetivo criticar o pensamento e a ascensão política e social dos representantes das “Luzes”.

A antifilosofia foi um movimento de crítica ao Iluminismo, que surgiu na França ao longo do século XVIII. Paralelamente às publicações dos textos dos filósofos surgiram opiniões contrárias a algumas ideias defendidas pela filosofia ilustrada, principalmente, a importância atribuída à razão humana para a compreensão da natureza e da sociedade. Segundo os antifilósofos, os iluministas publicavam textos contra a Igreja Católica, a fé e as Sagradas Escrituras.

E o curioso é que essas manifestações antifilosóficas circularam na imprensa religiosa brasileira. Distingue-se nesse movimento de propagação de ideias o jornal católico “*A Voz da Religião*” de 1846, durante o Império do Brasil, escrito pelo cônego Francisco José Tavares da Gama. Esse periódico é a principal fonte analisada pelo autor.

E por fim, Guilherme Domingues Gonçalves, no artigo *Iluminismo nos livros didáticos brasileiros*, analisa o tema Iluminismo nos livros didáticos brasileiros e sugere o distanciamento dos conteúdos presentes nos livros didáticos em relação às pesquisas acadêmicas. Guilherme Domingues traça um panorama do tema *Iluminismo* tal como é transmitido no Ensino Médio brasileiro. Para isso, o autor analisou alguns livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e dialogou com a historiografia mais recente sobre o assunto, principalmente as linhas interpretativas que ganham força nos anos 2000.

Observa-se hoje, no campo da educação, inúmeras possibilidades para aquisição do conhecimento, quer seja por meio da *Internet* ou por outras mídias. No entanto, no campo da educação básica, o maior e mais legitimado meio de transmissão do conhecimento, destaca o autor, ainda é o livro didático. Sem desmerecer o papel do professor e das outras formas de aquisição do saber, o livro didático parece ainda imperar nas salas de aulas como a mais válida fonte de consulta e aprendizado. Nesse sentido, seu artigo torna-se necessário e estimula debates acerca do ensino da História.

Além dos artigos presentes nesse curioso dossiê, abrimos o espaço para artigos de temática livre. Dentre estes, *Aspectos da modernização capitalista do Brasil República: o discurso médico-higienista no contexto educacional brasileiro do século XX* do doutorando

da UFSCar, Jefferson Mercadante. Nesse texto, Mercadante faz um estudo bibliográfico e de análise histórica das relações entre os movimentos higienista e escolanovista brasileiro. Para tanto, o autor considera a dimensão social, cultural e econômica da sociedade para então analisar a literatura sobre o higienismo e o escolanovismo no Brasil com vistas à definição de conceitos pertinentes às relações entre tais movimentos. A partir daí, ele consegue descrever e analisar o papel dos movimentos de higiene e da Escola Nova brasileira – de controle e disciplina – no contexto de modernização capitalista e urbanização do Brasil Republicano, e constata que foi em meio a esse processo que o contexto cultural dos anos 1920-1930 tornou-se a porta de acesso que a higiene mental encontrou para fazer sua história no país, enquanto a Escola Nova brasileira encontrou no higienismo o acesso à cientificidade desejada.

Entre a Monarquia e a República: imagens de Tiradentes em Joaquim Norberto de Souza e Silva e Lúcio José dos Santos é outro artigo de temática livre, das mestrandas da UFMT Giuslane Francisca da Silva e Luciana Coelho Gama. As autoras contextualizam o ambiente político dos tempos de Tiradentes e apresenta a construção discursiva do indivíduo histórico de um dos líderes da chamada Inconfidência Mineira. Nesse percurso, analisam os discursos acerca desse “herói” nacional, na visão do monarquista Joaquim Norberto de Souza e Silva e do republicano Lúcio José dos Santos, intelectuais cujas obras são representativas dos discursos divergentes em questão, sendo pontos de referência para trabalhos sobre Tiradentes e a Inconfidência até os dias atuais.

Para fechar essa edição contamos com o artigo *A religiosidade no bem morrer: em busca de uma teoria explícita do sagrado* de Daniel Martins Ferreira, mestrando da UnB. Nesse texto, Daniel Martins nos lembra de que a salvação das almas, desde o período medieval, ocupa um lugar central na doutrina católica em constante construção. Durante a era moderna, no reino português e em seus domínios, os livros devocionais que ensinam ao fiel a como se preparar para a morte nos servem como indícios do modo de pensar de uma elite clerical e suas orientações os fiéis, leigos ou não. Nesse sentido, a administração do sagrado pelos sacerdotes, para o autor, parece ser um elemento constituidor, não apenas do culto e de sua liturgia, mas de uma sociedade que se orienta pelo inculcamento de valores cristãos. Este artigo debate, portanto, sobre a presença do sagrado naqueles livros e como aquele que a pesquisa necessariamente utilizará uma teoria do sagrado, ainda que implícita e inconscientemente.

Por fim, nós, da equipe editorial da revista, agradecemos a colaboração de nossos colegas historiadores: alunos, professores, pareceristas e leitores; e desejamos a todos uma boa leitura, reflexiva e prazerosa. Afinal de contas, são tempos de histórias.

Rafael Nascimento Gomes
Universidade de Brasília
Conselho Editorial